

RESEARCH ARTICLE

*From student to Occupational Therapist: a survey about training and employment initiation***De estudante a Terapeuta Ocupacional: um survey sobre formação e ingresso no mundo laboral**Ana Rita D. Almeida¹, Fabiana S. Santos¹, Lídia R. Ferreira¹, Jaime M. Ribeiro^{1,2,3,4}¹Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Leiria, 2411-901 Leiria, Portugal²Unidade de Investigação em Saúde, Instituto Politécnico de Leiria, 2411-901 Leiria, Portugal³ACT, Inclusão e Acessibilidade em Ação, Instituto Politécnico de Leiria, 2411-901 Leiria, Portugal⁴Centro de Investigação “Didática e Tecnologia na Formação de Formadores”, Universidade de Aveiro, 3810-193 Aveiro, Portugal

Citation: Almeida, A. R., Santos, F. S., Ferreira, L. R. & Ribeiro, J. M. (2017). From student to Occupational Therapist: a survey about training and employment initiation. *Res Net Health* 3, e-1-14.

Received: 11th July 2017

Accepted: 15th December 2017

Published: 30th December 2017

Copyright: This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Corresponding Author: Jaime Ribeiro
jaime.ribeiro@ipleiria.pt

Abstract

Introduction: For recent graduates, entering the world of labour is filled with reservations and seems to be an intimidating task that is still poorly documented in the Portuguese context. The acquired academic training is of paramount importance to search and find a first job, especially for newly graduates that still miss work experience. This study explores and describes the experience lived by “2013 and 2014 ESSLeis’ Occupational Therapy graduates” who embarked a career, in order to evaluate the contribution of their academic background for this mission. **Methods:** This study, in methodological terms, is a descriptive exploratory study with mixed methods, and has been materialized through a survey applied via a questionnaire to recent graduates in Occupational Therapy from ESSLei (N). **Results:** The respondents consider their first employment demanding, are pleased and value their initial training, but consider that it would have been helpful to have more practical training, especially regarding supervision and counselling by more experienced Occupational Therapists. **Conclusion:** It is possible to verify the complex nature of the adaptation period in the context of Occupational Therapy graduates, which proves the importance of a comprehensive curricular plan, along with the importance of a professional supervision that aids in the adaptation period to develop strategies to overcome the main insecurities and difficulties felt. Higher education institutions allied to professional associations can play a preponderant role in developing preceptory programs and support senior therapists to develop approaches that contribute to the development of the new professional. This study is pioneer in evaluating the experience of students and recent graduates of the Occupational Therapy undergraduate programme in Portugal, since it is effectively an area in which studies have not yet been started so far. In addition, at the international level, it can be observed that the studies were mainly produced in the 80's, 90's and 2000's, with an extensive gap to nowadays, that justifies the need to update knowledge in this area.

Keywords: Occupational Therapy, new graduates, experience, employability, job satisfaction, skill profile

Resumo

Introdução: A entrada no mundo laboral dos jovens recém-licenciados reveste-se de incertezas e configura-se como uma intimidante tarefa pouco documentada no contexto português. Sem experiência laboral, o percurso académico revela-se da maior importância para procurar e encontrar o primeiro emprego. O presente estudo tem como objetivo explorar e descrever a experiência do ingresso no contexto laboral dos recém-licenciados em Terapia Ocupacional (TO) pela ESSLei em 2013 e 2014, de forma a observar o contributo da sua formação académica para esta etapa. **Métodos:** A nível metodológico foi realizado um estudo de abordagem mista e de objetivo exploratório-descritivo, concretizado através de inquérito por questionário dirigido a recém-licenciados em TO da ESSLei (N). **Resultados:** Os entrevistados consideram seu primeiro emprego exigente, estão

satisfeitos e valorizam a sua formação inicial, mas consideram que seria útil ter formação mais prática e, especialmente, supervisão e aconselhamento por Terapeutas Ocupacionais mais experientes. **Conclusão:** Pode verificar-se a natureza complexa do período de adaptação ao contexto laboral pelos recém-licenciados em TO pela ESSLei, ficando evidente a importância de uma formação de base completa a todos os níveis, a existência de um terapeuta orientador com experiência para realizar um acompanhamento sistemático neste período de adaptação e as principais inseguranças sentidas com as respetivas estratégias adotadas para as superar. As instituições de ensino superior aliadas às associações profissionais podem desempenhar um papel preponderante no desenvolvimento de programas de preceptoria e apoiar os terapeutas seniores para desenvolver estratégias que contribuam para o desenvolvimento do novo profissional. O presente estudo é pioneiro na área uma vez que a experiência vivida pelos estudantes e recém-licenciados do Curso de Terapia Ocupacional em Portugal é efetivamente uma área em que ainda não foram encetados estudos. Acresce que, a nível internacional se observa que os estudos foram produzidos nas décadas passadas de 80, 90 e 2000, verificando-se um extenso hiato até à atualidade que justifica a necessidade de atualização de conhecimentos nesta temática.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, recém-licenciados, experiência, empregabilidade, satisfação profissional, perfil de competências.

Introdução

A bibliografia não localizada relativa ao tema da integração de Terapeutas Ocupacionais (TOs) no mercado de trabalho em Portugal motivou à condução do estudo aqui descrito, com a finalidade de relatar e analisar a experiência e perceções daqueles, que findada a formação inicial em Terapia Ocupacional, têm pela frente o ingresso no mercado laboral (mercado que embora em expansão no território português, manifesta-se frequentemente precário). Revela-se, assim, da maior importância aferir os contributos da formação inicial, do acolhimento no primeiro emprego, assim como as condições de acesso ao mundo do trabalho, para a consolidação destes recém-licenciados como Terapeutas Ocupacionais (TO).

Observa-se que a identidade profissional de um TO é construída ao longo da sua formação graduada, no entanto existem evidências de que a discrepância entre o que é ensinado em contexto académico e a realidade clínica leva à deceção de alguns recém-licenciados. Os novos profissionais sentem-se inadequadamente preparados e sugerem que não é dado ênfase suficiente aos aspetos práticos da Terapia Ocupacional na universidade, tais como a comunicação com os profissionais de saúde, a gestão de *stress*, a aprendizagem sobre equipamentos ou a aplicação da teoria no planeamento da intervenção (Toal-Sullivan, 2006). Este facto é também destacado no estudo “*Occupational therapy students’ and graduates’ satisfaction with professional education and preparedness for practice*” no qual se conclui que as competências e o conhecimento que os estudantes identificam como importantes e cruciais para a sua formação, frequentemente não coincidem com aquilo que os professores estabelecem como sendo o mais importante para lecionar durante o período de licenciatura (Hodgetts *et al.*, 2007). Do outro lado, observa-se que os educadores identificam uma lacuna entre a conceção da escola de conhecimentos profissionais e as competências profissionais reais necessárias na área de atuação (Schön, 1987 cit in Toal-Sullivan, 2006). Observa-se, portanto, que esta dissonância revela-se problemática, priorizando uma investigação e consequente intervenção que procure a consonância no processo de ensino e aprendizagem, caminhando ao encontro das necessidades dos futuros profissionais (Hodgetts *et al.*, 2007).

Os estágios curriculares que acontecem no período de formação contribuem de forma preponderante para o desenvolvimento da identidade profissional do futuro TO, estando este facto diretamente relacionado com a disponibilidade dos terapeutas orientadores e dos utentes com quem vão intervir na sua prática clínica e que irão, de sobremaneira, influenciar o percurso do futuro terapeuta (Tryssenaar, 1999). Revela-se idênticamente importante abordar o período de transição do término da formação académica e o início da atividade profissional, etapa considerada por vários autores como crucial no desenvolvimento inicial de um TO. Neste âmbito, Tryssenaar e Perkins (2001) apresentam um estudo intitulado “*From Student to Therapist: Exploring the First Year of Practice*”, que analisa a experiência vivida por um grupo de estudantes (três de Terapia Ocupacional e três de Fisioterapia), desde o fim do curso até ao seu primeiro ano de prática. Encontram-se ainda outros estudos também além-fronteira que revelam que o apoio profissional, a supervisão na primeira experiência profissional e o relacionamento com os primeiros clientes são importantes para os recém-licenciados em TO para a sua consolidação profissional e subjacente redução de inseguranças (Morley, Rugg & Drew, 2007), sendo que se considera pertinente questionar este aspeto de forma a compreender a adequação do mesmo à realidade portuguesa.

Conhecer a empregabilidade na área da TO, identificar as principais áreas de intervenção em que os recém-licenciados encontram emprego, assim como avaliar o grau de satisfação e as principais dificuldades sentidas neste primeiro contacto com a prática enquanto profissionais, relacionando-as com a formação recentemente adquirida assumem-se como os objetivos almejados para investigação aqui descrita. O estudo incide sobre os primeiros licenciados em Terapia Ocupacional (em 2013 e 2014) pela Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria (ESSLei), assumindo-se esta investigação como um contributo para processo de ensino-aprendizagem de futuros TO.

Metodologia

O estudo apresenta uma abordagem mista e carácter exploratório-descritivo centrado na transição de estudante para profissional de TO. Tem como questão central: *Qual é a perceção dos recém-licenciados em Terapia Ocupacional pela Escola Superior de Saúde de Leiria, acerca da sua preparação pessoal e profissional para integração mercado laboral?*

O desenho de investigação configura-se como um inquérito (*survey*) por meio de um questionário *online*. A disseminação do questionário foi operacionalizada por meio de correio eletrónico e contacto individualizado através de redes sociais.

O questionário foi constituído por questões de resposta fechada e de resposta aberta, tendo as questões de resposta fechada sido tratadas estatisticamente, e as questões de resposta aberta sujeitas a análise de conteúdo, de acordo com a perspetiva de Hodgetts *et al.* (2007). A validação do instrumento utilizado desempenhou papel preponderante na investigação desenvolvida, de modo a assegurar-se a precisão dos dados pretendidos. Neste sentido, foi previamente sujeito a validação por especialistas, tendo-se para o efeito recorrido à direção da associação portuguesa dos profissionais inquiridos – Associação Portuguesa de Terapeutas Ocupacionais, com comprovado e reconhecido *know-how* sobre desenvolvimento profissional dos Terapeutas Ocupacionais, assim como, a especialista na construção e validação de instrumentos de avaliação. Ainda como estratégia de validação procedeu-se ao pré-teste do questionário, através da aplicação de uma primeira versão a

estudantes do último ano do curso na instituição de ensino superior em questão (2015), dado o seu elevado grau de semelhança com a população em estudo.

O presente estudo encontra-se circunscrito à população (N = 62) de graduados em TO da ESSLei. Neste sentido, foram inquiridos os graduados das turmas de Licenciatura em TO da ESSLei correspondentes aos anos letivos 2009-2013 e 2010-2014. Do total de 62 indivíduos obtiveram-se 45 questionários respondidos, perfazendo uma taxa de resposta de 72,6%, conseguindo-se um nível confiança da amostra de 95%, com erro amostral de 6,9%.

Procedimentos éticos

Os respondentes foram informados por mensagem de apresentação sobre o questionário, acerca das características e objetivos do estudo, bem como da preservação da confidencialidade e publicação com fins científicos. O preenchimento do questionário ocorreu apenas após a seleção da opção de consentimento de participação no estudo. Adicionalmente, foi garantida a autorização da coordenação do Curso de Licenciatura em Terapia Ocupacional, do Departamento e Ciências e Tecnologias da Saúde e da Direção da instituição de ensino superior visada, Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria.

Análise dos dados

Os dados obtidos foram alvo de análise estatística descritiva, com distribuição de frequências das respostas às questões fechadas (componente quantitativa), recorrendo ao software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS – V22) e, também, como já mencionado, por recurso à análise de conteúdo de respostas de questões abertas (componente qualitativa), integrando análise de ocorrências de categorias, tendo sido utilizado um *software* dedicado online, WebQDA (*Web Qualitative Data Analysis*).

Resultados/Discussão

No que se reporta à análise de conteúdo, observa-se que o corpus de dados, dada a proveniência das respostas (um questionário), foi agrupado e codificado simultaneamente por três membros do grupo de investigação (para se alcançar a fidedignidade intercodificador) em categorias e subcategorias semânticas e de acordo com as regras de exclusividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 2013). Através da categorização os dados brutos foram transformados e agregados em unidades que permitem uma descrição precisa das características relevantes do conteúdo (Holsti, 1969 citado por Bardin, 2013). Consequentemente, as categorias foram predeterminadas aquando da criação do guião do questionário e também emergiram dos dados obtidos. Estes foram relacionados principalmente com as perceções sobre a experiência de ingresso no mercado laboral, a formação adquirida e a formação necessária.

A contagem de ocorrências (explícita e implícita) por categoria é assumida por vários autores como forma de identificar as apreensões/opiniões principais dos participantes, pois as palavras e expressões repetidas são as que refletem as preocupações primárias. Conquanto quantificar a fala possa indiciar tendências no discurso, não pode ser uma interpretação vinculativa sobre assuntos de importância (Stemler, 2001), pelo que abaixo

os resultados são quantificados e descritos, sendo interpretados em debate com estudos que abordam a mesma temática.

A interpretação das categorias é realizada no conjunto das respostas abertas do questionário, não se isolando participantes, sendo sustentada por meio de paráfrases dos participantes do estudo.

Características Sociodemográficas

As características sociodemográficas dos recém-licenciados em estudo encontram-se descritas na Tabela 1. Analisando os dados obtidos, 42 dos 45 inquiridos, isto é 93,3% são do gênero feminino, enquanto que apenas 3 (6,7%) são do gênero masculino. A moda das idades situa-se nos 23 anos (n=18/45), sendo a média 23,33 anos com um desvio padrão de 1,09 anos.

Tabela 1. Características sociodemográficas dos recém-licenciados em Terapia Ocupacional em 2013 e em 2014.

		n=45	%
Gênero	Masculino	3	6,7
	Feminino	42	93,3
Idade	Máxima	28 anos	-
	Mínima	22 anos	-
	Média	23,33 anos	-
	Desvio padrão	1,09 anos	-
	Moda	23 anos	-
Ano/conclusão da licenciatura	2013	18	40
	2014	27	60
Situação atual	A estudar	0	0
	A trabalhar em outra área	1	2,2
	A lecionar	0	0
	Em estágio profissional	14	31,1
	A exercer como TO	22	48,9
	Desemprego	8	17,8

Adaptação ao novo emprego

No que diz respeito à situação atual dos inquiridos foi possível constatar que a maioria (22 inquiridos), representando 48,9%, encontra-se a trabalhar na área de licenciatura, não estando nenhum inquirido a estudar ou a lecionar. Representando 31,1% do total, 14 indivíduos encontram-se a realizar Estágio Profissional e 17,8%, isto é 8 dos inquiridos encontram-se atualmente desempregados. Observa-se ainda que um dos inquiridos encontra-se a trabalhar noutra área que não a Terapia Ocupacional.

Incidindo nos recém-licenciados que estão a trabalhar como TO e abordando os seus períodos de adaptação ao novo emprego, num cruzamento com a análise de ocorrências realizada, observou-se que a categoria que agrega informação neste âmbito, “*Adaptação ao novo emprego*” observa-se que 66,1% do discurso do conjunto de recém-licenciados que se encontram a trabalhar, apresenta alusões positivas na experiência de adaptação ao primeiro emprego inseridas na subcategoria “*Experiências Positivas*”. Assim, é mencionado que, citando: “*o período de adaptação foi tranquilo porque tive uma boa resposta por parte dos clientes o que é fundamental para criar confiança e motivação*”. Este aspeto foi já considerado em estudos, como o realizado por Morley, Rugg e Drew (2007) no qual se realça o papel preponderante do estabelecimento de relações positivas com os clientes nas primeiras experiências laborais. A investigação desenvolvida por Toal-

Sullivan em 2006, aponta mesmo que um componente crítico da experiência de transição para todos os participantes (recém-graduados em TO) foi a satisfação que receberam da sua interação com os clientes.

Além das referências aos utentes como facilitadores no processo de adaptação, estes apontam por várias vezes o papel preponderante da receptividade da equipa como facilitador à boa integração, podendo ler-se a título de exemplo, citando: *“Consegui adaptar-me bem e rápido, porque pude contar com uma boa equipa que me soube acolher”*. Toal-Sullivan (2006) refere que a socialização é um processo complexo, no qual os praticantes são empossados, treinados e credenciados para a cultura da sua profissão e incorporam valores e normas da profissão no seu autoconceito. Esta autora revela ainda na sua pesquisa que a evidência sugere que os graduados de TO têm problemas particulares na transição de estudante para terapeuta, relacionando-os com questões de autoconfiança, relacionamentos com os outros e incerteza sobre sua identidade profissional e papel. Neste testemunho, pode ver-se um paralelismo com estudos como o realizado por Miller e Blackman (2004) no qual se pode ler que a forma como os novos profissionais se estabeleceram no seu papel é grande parte dependente de como se sentiram apoiados. De facto, é frequentemente mencionado que as relações interpessoais com os colegas constituem fontes de *stress* para o profissional recém-licenciado, evidenciando a necessidade do desenvolvimento de competências inter e intrapessoais (Morley, 2006).

Na procura de perceber se existiam contactos prévios com a instituição empregadora (através de estágios curriculares ou voluntariado) dos inquiridos que trabalham na área de licenciatura/estágio profissional, uma percentagem de 77,8% refere nunca ter contactado com o atual local de emprego antes de terminar o curso. Dos 22,3% que refere já ter tido esse contacto, 13,9% refere que foi através de estágio curricular, 5,6% através de voluntariado e os restantes 2,8% através de outra. No respeitante aos inquiridos que já haviam contactado com a instituição durante o seu estágio curricular, estes apontam a facilidade no processo de adaptação como decorrente das relações pré-estabelecidas com a equipa e com a instituição. Esta situação foi já visada anteriormente por Rodger *et al* (2007) e indica claramente as vantagens e a maior probabilidade de um recém-graduado em TO encontrar emprego num local onde já tenha estagiado. Esta situação assume-se como uma mais valia para o empregador por dois motivos principais: I) conhecimento por parte do estagiário da dinâmica organizacional e II) conhecimento prévio do empregador quanto ao potencial de competências e ética demonstradas durante o estágio. Neste mesmo estudo, observa-se que os empregadores consideram o estágio como um banco de recrutamento e um modo antecipado de conhecer o futuro colaborador como Terapeuta Ocupacional. Não obstante, alguns recém-licenciados indicam que a adaptação foi, citando: *“Exigente a vários níveis. Foi uma diferença muito grande a nível da responsabilidade, comparativamente aos estágios curriculares (...)”*.

A passagem de estudante a profissional com plenas responsabilidades, revela-se avassaladora para os recém-licenciados, naquilo que Morley (2006) mencionando Kramer (1974) apelida de *“choque de realidade”* e, que se estende ao conhecimento, competência e atitude, com implicações na vida profissional e pessoal (Tryssenaar & Perkins, 2001). Os profissionais recém-qualificados têm de lidar com hierarquia e questões burocráticas inicialmente não expectáveis (Morley, Rugg & Drew, 2007).

A restante percentagem de respostas incluídas na subcategoria *“Experiências Negativas”* nomeiam o processo de adaptação como sendo, citando: *“difícil entrar nas rotinas percebendo os objetivos da instituição”* devido à falta de conhecimento da *“intervenção*

de um TO num Centro de Atividades Ocupacionais (CAO)” a par do desconhecimento da função de um TO. Facto consistente com as descobertas de Morley, Rugg e Drew (2007) que referem que a dificuldade dos colegas em compreender o seu papel/trabalho revela-se como fonte de *stress* para aqueles que encetam a sua vida profissional, sendo este um dos fatores mais reportados pelos recém-graduados, que se sentem incompreendidos pelos colegas de trabalho (Morley, 2006). Nesta subcategoria, existem ainda referências à falta de apoio por parte da instituição, através de menções como, citando: “foi de difícil adaptação pela forma como fui recebida, sem me apresentarem a instituição nem aos profissionais que nela trabalham”. Segundo o que foi exposto, pode-se aferir que houve uma grande percentagem de recém-licenciados a caracterizarem o seu período de adaptação como uma experiência positiva. Relativamente às experiências negativas, estas parecem estar associadas à falta de reconhecimento das funções de um Terapeuta Ocupacional e falta de recetibilidade das próprias instituições.

Na Tabela 2 é possível consultar os dados acerca da situação atual dos recém-licenciados a trabalhar na área de licenciatura/estágio profissional.

Tabela 2. Situação atual dos recém-licenciados a trabalhar na área de Licenciatura.

		n=36	%
Necessidade de mudar de área de residência?	Sim	9	25
	Não	27	75
Tempo em que se encontra a trabalhar enquanto TO	< 1 mês	1	2,8
	[1; 3] meses	3	8,3
	[4; 6] meses	8	22,2
	[7; 9] meses	122	33,3
	[10; 12] meses	2	5,6
	[13; 15] meses	2	5,6
	[16; 18] meses	3	8,3
	[19; 21] meses	4	11,1
	Resposta não válida	1	2,8
Após terminar o curso manteve o mesmo local de trabalho na área da TO?	Sim	26	72,2
	Não	10	27,8
Serviço onde exerce funções	CRI	5	13,9
	CAO	5	13,9
	CAO+CRI	2	5,6
	Clínica Privada	2	5,6
	IPSS	2	5,6
	Lar/ERPI	6	16,7
	UCCI,	3	8,3
	CAO+NEE	1	2,8
	NEE	1	2,8
	Hospital	2	5,6
	Centro de Reabilitação	2	5,6
	CAO+ Centro de Dia	1	2,8
	Lar Residencial	1	2,8
CAO+ Lar Residencial	3	8,3	
A área onde está inserido era a pretendida?	Sim	22	61,1
	Não	14	38,9
Foi o 1º Terapeuta Ocupacional na instituição?	Sim	13	36,1
	Não	23	63,9
Recetibilidade no local de trabalho em relação a ser um recém-licenciado	Muito boa	12	33,3
	Boa	17	47,2
	Regular	7	19,4
	Fraca	0	0

CRI, Centro de Recursos para a Inclusão; CAO, Centro de Atividades Ocupacionais; IPSS, Instituições Particulares de Solidariedade Social; ERPI, Estrutura Residencial para Idosos; UCCI, Unidade Cuidados Continuados Integrados; NEE, Necessidades Educativas Especiais.

De acordo com os dados recolhidos e referenciados, é possível verificar que 75.0% dos inquiridos não necessitou de mudar de área de residência para iniciar o seu primeiro emprego, revelando estes dados alguma facilidade em exercer como Terapeuta Ocupacional junto à sua área de residência, embora sob precariedade de estágio profissional, com limitação temporal e remuneração reduzida. Laços pessoais, associados à experiência/preferência constituem uma forte motivação para a tomada de decisão (Atkinson & Steward, 1997). Por oposição e relativamente aos inquiridos que se encontram a trabalhar fora da área de licenciatura ou estão desempregados, as principais razões referidas foram a inexistência de propostas na área de residência, questões pessoais e outra razão, representando cada uma delas uma percentagem de 33,3%.

Entre os inquiridos, 33,3% (n=12/36) refere estar a trabalhar entre 7 a 9 meses como TO. Pode-se ainda aferir que 72,2% dos inquiridos manteve-se no mesmo local de trabalho desde que iniciou funções enquanto Terapeuta Ocupacional. Por sua vez, 10 dos inquiridos (27,8%), mudou de local de emprego durante o seu percurso profissional. Destes últimos, 77,8% refere ter exercido funções em dois locais distintos, devendo-se este facto muito provavelmente ao término do estágio profissional, usualmente com a duração de 9 meses, ou do exercício como profissional liberal.

Na pergunta acerca do tipo de serviço onde exerce funções e, de acordo com os resultados, os Centros de Recurso para a Inclusão (CRI), os CAO e os Lares Residenciais/ Estruturas Residenciais para Idosos (ERPI) são aqueles que empregaram um maior número de recém-licenciados em TO pela ESSLei. Dos 36 inquiridos, 61,1% refere que a área de intervenção onde se encontra a trabalhar é a da sua preferência. Além disso, considera-se ainda importante referir que a maioria dos inquiridos (17) considera como “Boa” a recetibilidade do local de trabalho ao facto de ser um recém-licenciado. Ainda neste sentido, é importante referir que nenhum dos inquiridos considerou como “Fraca” a recetibilidade por parte da instituição/membros da equipa.

A supervisão pelos mais experientes

Dos inquiridos a trabalhar em Terapia Ocupacional, 36,1% afirmam ter sido o primeiro TO a exercer funções na instituição. Apesar de na literatura não se encontrar repercussões negativas a este respeito, são vários os estudos que concluem a mais-valia de se integrar uma equipa onde já existem colegas de profissão mais experientes, facilitando a transição de estudante para profissional. Por sua vez, 63,9 %, a maioria, exerce funções em locais nos quais já existiam TO. Relativamente a estes últimos, através da análise de ocorrências por categoria, verifica-se que existem 27 referências divididas pelas subcategorias inseridas na categoria “*Benefícios de um Terapeuta Ocupacional mais experiente*” (Referências a vantagens da presença no local de trabalho de um TO mais experiente) fazendo menções à vantagem da presença de um TO mais experiente no local de trabalho. Na subcategoria “*Partilha de Experiências*”, encontram-se 10 menções relativas à partilha de experiências profissionais, onde os inquiridos referem que, citando: “*um recém-licenciado não tem muita experiência, seja em que área for, mesmo com os estágios curriculares*”. Além de que, citando: “*um profissional da área mais experiente tem uma perspetiva prática diferente e uma visão holística e individual de cada pessoa (...)*” proporcionando assim, citando: “*ajuda para colmatar algumas inseguranças pela partilha de experiências (sugestões, materiais) acerca da intervenção terapêutica*” e ainda, “*procurar respostas juntos*”.

A subcategoria “*Orientação/Supervisão*” inclui 12 menções à vantagem de um Terapeuta Ocupacional mais experiente que supervisione a prática do recém-licenciado. No conjunto

de discurso alocado a esta em 32,0% de respostas existentes nesta esta subcategoria, os recém-licenciados afirmam que, citando: “*o Terapeuta mais experiente pode-nos inserir nas rotinas e especificidades de cada serviço*”. Alguns inquiridos mencionam também que, citando: “*ajudou quer a nível pessoal quer ao nível da articulação com técnicos da minha área profissional, permitiu-me colocar questões e dúvidas sobre o planeamento da intervenção e a importância da articulação com os diferentes profissionais*”.

Os benefícios/necessidade da orientação/supervisão de um Terapeuta Ocupacional mais experiente são identificados pelos recém-graduados desde a década de 90 (Parker, 1991), destacando-se os diferentes estudos desenvolvidos por Mary Morley e seus associados nos últimos 10 anos, que avançam, inclusivamente para as mais vantagens de programas de supervisão/preceptoría para acompanhamento de novos profissionais. Nestes mesmos estudos destacam as mais-valias do convívio com terapeutas seniores, no que concerne à discussão, partilha, esclarecimento e modelagem, e sobretudo, à construção da compreensão da ligação da teoria com a prática (Toal-Sullivan, 2006).

A última subcategoria testada neste estudo, denominada de “*Fonte de informação*”, onde os inquiridos partilham cinco menções ao Terapeuta Ocupacional mais experiente como fonte de informação, e citando: “*Um Terapeuta Ocupacional mais experiente pode, sem dúvida, ser uma mais-valia para a aquisição de conhecimentos*” permitindo “*colmatar défices relacionados com questões teóricas e práticas que necessitam de ser consolidadas*”, conclui-se que os recém-licenciados evidenciam a importância da presença de um TO mais experiente nos seus locais de emprego, para que este os apoie no processo da adaptação à instituição e ainda, na partilha de conhecimento, proporcionando segurança no decorrer da intervenção com os clientes. Apropriamo-nos das palavras de McInstry (2005) e de Toal-Sullivan (2006) quando destacamos que os recém-graduados apreciam supervisão, bem como conselho de outros membros da equipa e a oportunidade de observar e aprender com os profissionais qualificados e experientes na prática. McInstry (2005) identificou a necessidade de supervisão dos terapeutas recém-formados, assim como uma maior compreensão de como o local de trabalho pode fortalecer o seu conhecimento.

A Tabela 3 apresenta o nível de satisfação apresentado pelos licenciados acerca da formação que adquiriram durante o tempo de formação académica relativamente ao ingresso no mundo de trabalho. Os resultados apresentados permitem concluir que, no que concerne ao nível de satisfação acerca da formação académica recebida relativamente ao ingresso no mundo de trabalho, a nível pessoal os inquiridos classificam com “*Satisfeito*” e “*Muito Satisfeito*”, ambos com uma percentagem de 47,2%. Por sua vez, no respeitante à satisfação desta formação ao nível profissional, 75,0% dos inquiridos (27) classificam como satisfeitos. Apesar positivos, os dados mostram que, na perspectiva dos licenciados, ainda podem ser realizadas melhorias de modo a aumentar a satisfação com o percurso académico.

Ainda na observação da Tabela 3, podemos concluir que, maioritariamente, os inquiridos encontram-se satisfeitos e muito satisfeitos com a experiência profissional adquirida ao longo do percurso profissional (44,4% e 33,3%, respetivamente) por oposição a apenas um dos inquiridos se encontrar muito insatisfeito (2,8%). No que concerne à formação pode-se concluir que, maioritariamente, 69,4% o correspondente a 25 inquiridos, refere estar satisfeito. A nível pessoal, a maioria dos inquiridos refere estar satisfeito e muito satisfeito (52,8 e 38,9%, respetivamente).

Tabela 3. Nível de satisfação acerca da formação adquirida relativamente ao ingresso no mundo de trabalho e relativamente ao seu percurso profissional.

		n=36	%
Nível de satisfação acerca da formação que adquiriu durante o tempo de formação académica relativamente ao ingresso no mundo de trabalho.			
A nível pessoal	Muito insatisfeito	1	2,8
	Insatisfeito	0	0
	Nem insatisfeito, nem satisfeito	1	2,8
	Satisfeito	17	47,2
	Muito satisfeito	17	47,2
A nível profissional	Muito insatisfeito	1	2,8
	Insatisfeito	2	5,6
	Nem insatisfeito, nem satisfeito	4	11,1
	Satisfeito	27	75,0
	Muito satisfeito	2	5,6
Nível de satisfação com o percurso profissional			
Experiência profissional	Muito insatisfeito	1	2,8
	Insatisfeito	2	5,6
	Nem insatisfeito, nem satisfeito	5	13,9
	Satisfeito	16	44,4
	Muito satisfeito	12	33,3
Formação	Muito insatisfeito	1	2,8
	Insatisfeito	1	2,8
	Nem insatisfeito, nem satisfeito	5	13,9
	Satisfeito	25	69,4
	Muito satisfeito	4	11,1
Nível pessoal	Muito insatisfeito	1	2,8
	Insatisfeito	0	0
	Nem insatisfeito, nem satisfeito	2	5,6
	Satisfeito	19	52,8
	Muito satisfeito	14	38,9

Procurou-se perceber quais as sugestões de melhoria que os recém-licenciados têm a apontar ao plano curricular em vigor no curso de licenciatura em questão. Neste sentido, as propostas foram agrupadas na categoria designada como “*Aprofundamento da Formação Base*” (Tabela 4). Dentro das respostas obtidas, 29,32% destas estão incluídas na subcategoria “*Maior componente prática*”, onde se apresentam as referências dos inquiridos à importância de maior número de aulas prática ao longo do período de formação base apontando que seria, citando: “*mais vantajoso o aumento exponencial de aulas práticas; se possível com modelos humanos e utentes reais*”, “*mais avaliações práticas*” e “*estágios em todas as áreas de intervenção*”.

Na subcategoria “*Aprofundamento de conhecimentos teóricos*” (referências dos inquiridos à importância de maior aprofundamento de conhecimentos teóricos ao longo do período de formação base) pode-se verificar que existem propostas como, “*análise de casos; práticos (...) aprofundamento nas diferentes áreas de intervenção*”; “*maior conhecimento sobre a aplicação de escalas/baterias validadas*”; e ainda, em “*técnicas específicas de intervenção em determinadas patologias, processos de avaliação e a definição de objetivos terapêuticos*”.

Por último, é ainda referenciado “*burocracias*” como por exemplo o modo de funcionamento das instituições e valências. No mesmo sentido, alguns inquiridos foram bastante específicos na área de intervenção que deveria ser aprofundada, como é o caso das “*AVD*” (2,65%), “*Integração Sensorial*” (1,60%), “*Produtos de Apoio*” (1,64%), “*Reabilitação Física*” (6,72%) como é exemplo da citação: “*mais aulas práticas relativas à área de intervenção reabilitação física*”. Para além disso, referem ainda a “*Reabilitação*

Cognitiva” (0,22%), “*Terapia Snoezelen*” (0,52%). Ainda dentro das estratégias, pode-se constatar 2,49%, que é dado ênfase ao aprofundamento de técnicas de “*Saúde Mental*” no percurso acadêmico. Também foi mencionada a temática dos “*Primeiros Socorros*” onde existe 6,45% de referências a argumentar o aprofundamento da temática no percurso acadêmico. Cerca de 3,71% referencia a importância do aprofundamento dos “*Modelos*”, tanto profissionais como de delimitação, no percurso acadêmico. Existem ainda depoimentos, embora escassos, que apontam a necessidade da abordagem a clientes não cooperantes e a partilha de conhecimentos por especialistas de experiência comprovada. Por fim, os recém-licenciados referiram a importância do aprofundamento de intervenções terapêuticas diferenciadas (subcategoria “*Intervenções Terapêuticas Diferenciadas*”), mais propriamente, “*Equitação com fins terapêuticos, dança inclusiva, (...)*” e “*desporto adaptado*”.

Tabela 4. Percepção sobre necessidades na formação base de licenciatura em Terapia Ocupacional.

Categories	Subcategories	Referências	
Aprofundamento da formação base	Maior componente prática	16	
	Aulas por especialistas de renome	1	
	Aprofundamento dos conhecimentos teóricos	6	
	Relação com utentes não cooperantes	1	
		AVD (Atividades da Vida Diária)	2
		Avaliação	1
		Integração sensorial	4
		Produtos de apoio	2
		Reabilitação física	7
	Áreas específicas a aprofundar	Reabilitação cognitiva	1
		Terapia <i>Snoezelen</i>	2
		Saúde mental	1
		Primeiros socorros	2
		Modelos	3
		Intervenções terapêuticas diferenciadas	2
	Intervenções em crianças em idade escolar	1	

Pode-se concluir que os recém-licenciados apontam o aumento de horas práticas em diversas temáticas do curso de TO e o aprofundamento teórico de conceitos como focais para a formação académica em TO, como é o caso dos “*Modelos Profissionais*”, “*Delimitação*” e “*Objetivos Terapêuticos*”.

Dada a panóplia de sugestões apresentadas, parece-nos que os recém-licenciados se sentem incompletos, inacabados e que se encontram sedentos por “beber” de mais conhecimento. Aspeto salientado em alguns estudos que, contudo, apontam se reverem em contextos de formação continuada. Premissa com o qual concordamos, dada a impossibilidade de abordar de forma sustentada toda o espectro de conhecimento da TO, mas que deve ser procurada numa perspectiva de contínuo desenvolvimento, aprofundamento e especialização profissional. É ainda de salientar que, após as duas turmas de recém-licenciados terem terminado, ocorreram algumas alterações no plano curricular, pelo que existem propostas que já se encontram em vigor.

Como seria de esperar, num recém-licenciado verifica-se a existência de o mais variado tipo de inseguranças. Deste modo, estas são analisadas e agrupadas na categoria “*Inseguranças*” dividida em várias subcategorias (Tabela 5). Na subcategoria “*Ausência de conhecimentos*”, 13,68% das respostas referem a carência de conhecimento prático e teórico, relatando: “*Não ter competências técnicas e conhecimentos que me permitam praticar com excelência*” ao que completam com “*a formação não era suficiente*”, “*as inseguranças sentidas foram o facto de não ter tido estágios curriculares na área (...)*” e

o facto de ter que realizar sessões em áreas de intervenção terapêuticas diferenciadas ao qual não teriam tido formação prática prévia. Quanto à “Ausência de conhecimento teórico”, só existe uma menção à carência de conhecimento teórico na qual o inquirido classifica a formação académica que recebeu como “escassa e desatualizada”.

Tabela 5. Perceção sobre principais inseguranças sentidas pelos licenciados.

Categorias	Subcategorias	Referências
Inseguranças	Ausência de conhecimento	Teórico Prático
		1 5
	Caraterísticas Pessoais	9
	Inexistência de Orientação/Supervisão	7
	Exigências do local de trabalho/equipa/utentes	16

No respeitante à “Inexistência de orientação/supervisão” incluída na categoria “Inseguranças”, 20,79% dos inquiridos mencionam que dificuldades sentidas relacionam-se com a inexistência de um terapeuta mais experiente que preste orientação/supervisão, explicando: “Não ter a certeza de que as minhas decisões em relação aos utentes sejam as mais corretas. Pois agora não há ninguém, pelo menos no meu caso, que me dê um feedback imediato” ao que completam “o facto de nunca ter havido terapeuta ocupacional na instituição, de ninguém na instituição ter ideia do que nós fazemos” como dificuldades e inseguranças no processo de adaptação. Algumas das inseguranças dos inquiridos prendem-se também com as suas características pessoais (15,53%) onde se incluem referências a receios, tais como, citando: “Não corresponder às expectativas que depositavam em mim, não estar à altura dos casos que me foram entregues”, “não ser levada a sério” e ainda, “ter medo de não conseguir corresponder às altas expectativas que a instituição tinha ao contratar mais um Terapeuta Ocupacional”.

Por sua vez, 33,05% das respostas remetem para as “Exigências do local de trabalho/equipa/utentes” (referências às inseguranças sentidas pelos inquiridos relativamente ao contacto com pessoas significativas do utente, às exigências do local de trabalho e da equipa na qual estão inseridos) como por exemplo, “não corresponder à necessidade efetiva dos clientes e família” conjuntamente com “não conseguir alcançar os objetivos pretendidos”. Além do que já foi referenciado anteriormente, os recém-licenciados demonstram inseguranças baseadas na sua formação académica e de não se sentirem integrados na equipa.

No término da análise das inseguranças sentidas pelos recém-licenciados, pode-se concluir que o já mencionado desconhecimento das funções de um TO por parte de alguns profissionais de saúde integrantes das equipas das instituições dificultou bastante a adaptação dos recém-licenciados. Outros receios dos inquiridos estão diretamente relacionados com a falta de experiência e conhecimento teórico lecionado no percurso académico.

Como principais “Estratégias para colmatar inseguranças”, as respostas remetem essencialmente para a procura de informação (67,46%), existindo 32 referências, evidenciando que a principal estratégia utilizada passa por, citando: “pedir ajuda a outros terapeutas ocupacionais, aos trabalhadores da instituição e procurar aprender mais, quer através de formações quer por mim própria” ao que acrescentam “é importante também arriscar e fazer as coisas, mesmo que às vezes tenhamos dúvidas se é o melhor, ou se é mesmo assim” e ainda, “estudar, procurar constantemente saber mais sempre com evidências científicas, nunca parar de querer saber e fazer mais. Partilhar informação e conhecimentos com colegas terapeutas ocupacionais e também colegas de trabalho”.

As restantes respostas apontam 15 menções a características do Terapeuta Ocupacional para colmatar as inseguranças sentidas em especial, “*acreditar que ser Terapeuta Ocupacional é ser acima de tudo ser pessoa e fazer o nosso trabalho com empenho, responsabilidade e dinamismo*” e “*ter confiança em nós e no que aprendemos porque uma das coisas mais importantes da nossa formação base é que temos de nos adaptar ao contexto e temos de ser polivalentes, essa é uma das grandes essências do que é ser Terapeuta Ocupacional*”.

Após a análise destas estratégias, pode-se concluir que o recém-licenciado acredita nas suas competências e no seu valor como profissional de saúde, mas nunca descuidando a procura de informação e conhecimento, e ainda, a partilha do mesmo com colegas e outros profissionais de saúde.

Conclusões

Muitas das conclusões do presente estudo são consistentes com os encontrados em estudos anteriores, que também discutem a transição de estudante para profissional, em geral. Considerando os dados recolhidos no presente estudo, pode-se confirmar a natureza complexa do período de adaptação ao contexto laboral pelos recém-licenciados em TO pela ESSLei. Ficou evidente a importância de uma formação de base completa a todos os níveis, da existência de um terapeuta orientador com experiência para realizar um acompanhamento sistemático neste período de adaptação e das principais inseguranças sentidas neste período e respetivas estratégias adotadas para as ultrapassar. Esta conclusão, concomitante com outros estudos internacionais, levam-nos a propor a criação de programas de preceptoria, semelhantes aos defendidos por Mary Morley, nos quais a transição de estudante a terapeuta é acompanhada por um terapeuta mais experiente que irá guiar, questionar e auxiliar na elaboração de conhecimento do recém-terapeuta, contribuindo para o dissipar de inseguranças para o desenvolvimento do autoconceito do colega sob sua supervisão. É nosso entender que as instituições de ensino superior aliadas às associações/ordens profissionais assumem assim um papel preponderante no desenvolvimento de tais programas e apoiar o terapeuta sénior a desenvolver estratégias que contribuam para o desenvolvimento do novo profissional.

Parece-nos também que, na procura da qualidade educativa e apesar de os esforços encetados para alterações curriculares, são ainda encontrados alguns desfasamentos no que é ministrado no curso de Terapia Ocupacional e as necessidades/satisfação perspetivadas pelos ex-estudantes. Pelo que se podem equacionar alguns ajustes de maior coerência. Igualmente, foi possível perceber que as competências e características pessoais de um Terapeuta Ocupacional, às quais é dada extrema importância ao longo da formação académica, como é o exemplo da criatividade e dinamismo, são cruciais para ultrapassar a grande maioria das adversidades da adaptação ao contexto real da prática. Foi ainda possível caracterizar as novas tendências de empregabilidade dos recém-graduados, influenciadas pela atual oferta de serviços e evolução demográfica.

Acredita-se que os dados deste estudo podem-se constituir como referência para os futuros recém-licenciados a nível nacional, para a realidade da qual se aproximam, bem como possa contribuir para a melhoria dos planos curriculares de formação em Terapia Ocupacional.

Referências

- Atkinson, K. & Steward, B. (1997). A longitudinal study of occupational therapy new practitioners in their first years of professional practice: preliminary findings. *British Journal of Occupational Therapy*, 60(8), 338-342.

- Bardin, L. (2013). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Hodgetts, S., Hollis, V., Triska, O., Dennis, S., Madill, H. & Taylor, E. (2007). Occupational therapy students' and graduates' satisfaction with professional education and preparedness for practice. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 74(3), 148-160.
- Kramer, M. (1974). *Reality shock; why nurses leave nursing*. Missouri, EUA: Mosby.
- McInstry, C. (2005) From graduate to practitioner: rethinking organizational support and professional development. In *Occupation and practice in context*. Whiteford, G. & Wright-St Clair, V. Ed. Sydney, Australia: Elsevier.
- Miller, C. & Blackman, C. (2004). *Learning During the First Three Years of Post Registration/Postgraduate Employment—The LiNEA Project Interim report for nursing*. Brighton/Sussex, UK: Brighton University/Sussex University Ed.
- Morley, M. (2006). Moving from student to new practitioner: The transitional experience. *British Journal of Occupational Therapy*, 69(5), 231-233.
- Morley, M., Rugg, S. & Drew, J. (2007). Before preceptorship: new occupational therapists' expectations of practice and experience of supervision. *The British Journal of Occupational Therapy*, 70(6), 243-253.
- Parker, C. E. (1991). The needs of newly qualified occupational therapists. *British Journal of Occupational Therapy*, 54(5), 164-168.
- Rodger, S., Thomas, Y., Dickson, D., McBryde, C., Broadbridge, J., Hawkins, R. & Edwards, A. (2007). Putting students to work: Valuing fieldwork placements as a mechanism for recruitment and shaping the future occupational therapy workforce. *Australian Occupational Therapy Journal*, 54(s1), S94-S97.
- Stemler, S. (2001). An overview of content analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 7(17), 1-6.
- Toal-Sullivan, D. (2006). New graduates' experiences of learning to practice occupational therapy. *British Journal of Occupational Therapy*, 69(11), 513-524.
- Tryssenaar, J. & Perkins, J. (2001). From student to therapist: Exploring the first year of practice. *American Journal of Occupational Therapy*, 55(1), 19-27.
- Tryssenaar, J. (1999). The lived experience of becoming an occupational therapist. *British Journal of Occupational Therapy*, 62(3), 107-112.